

REDIVISÃO DE DINHEIRO E PODER

Na ONU, Lula cobra ajuda a países pobres contra mudanças no clima e pobreza e pede nova ordem

ALICE CRAVO, ELIANE OLIVEIRA
E JANAÍNA FIGUEIREDO
REPORTAGENS
BRASIL E MUNDO

Em seu retorno à Assembleia Geral das Nações Unidas após 14 anos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva buscou, ontem, colocar-se como o porta-voz dos países em desenvolvimento — o chamado Sul Global — e fez um discurso em que abordou um amplo arco de questões da agenda internacional. Lula voltou a cobrar os mais ricos por dívidas ambientais, criticou a desigualdade social e a fome no planeta, defendeu a reforma das instituições de governança mundial para que deem mais voz às nações mais pobres, e afirmou que a guerra na Ucrânia “escancarou a incapacidade coletiva de fazer prevalecer os propósitos e princípios da Carta da ONU”.

Analistas ouvidos pelo GLOBO apontaram, por trás do discurso, o desejo de Lula de projetar-se como líder dos países em desenvolvimento e de marcar sua ruptura com a política externa de seu antecessor, Jair Bolsonaro.

O presidente brasileiro disse que falta “vontade política” dos governantes mundiais para vencer as desigualdades sociais e bateu novamente no Conselho de Segurança, afirmando que o órgão máximo da ONU teria perdido a capacidade de mediar conflitos.

735 MILHÕES COM FOME
Lula falou por 21 minutos e foi aplaudido cinco vezes durante seu discurso. Ao mencionar a desigualdade crescente e a fome no mundo, o presidente citou dados do último Mapa da Fome da FAO (sigla em inglês para Organização para Alimentos e Agricultura) para afirmar que é preciso “vencer a resignação que nos faz aceitar” as injustiças.

—A fome, tema central da minha fala neste Parlamento mundial 20 anos atrás, atinge hoje 735 milhões de seres humanos, que vão dormir esta noite sem saber se terão o que comer amanhã — disse. — Para vencer a desigualdade, falta a vontade política daqueles que governam o mundo.

Ao ter como foco a comunidade internacional, Lula criticou os países ricos, que não estariam financiando como prometaram o combate às mudanças climáticas. Também culpou o neoliberalismo pelo fortalecimento da extrema direita e pelo aumento de desigualdade social. O presidente criticou o Conselho de Segurança da ONU e defendeu o multilateralismo para arbitrar as principais questões globais, entre elas a guerra na Ucrânia.



Congressos. O presidente Lula discursa na Assembleia Geral da ONU em Nova York, 20 anos após sua estreia no evento: críticas generalizadas às instituições internacionais e aos países ricos

Falando para o público brasileiro, exaltou a democracia no país, com críticas indiretas ao ex-presidente Jair Bolsonaro e afirmou que busca a igualdade racial como um 18º objetivo de desenvolvimento sustentável. Tradicionalmente, o Brasil abre a Assembleia Geral desde que a ONU foi fundada, em outubro de 1945. Lula se comprometeu em seu discurso a pôr o combate às desigualdades no centro da agenda internacional durante a presidência brasileira do G20, que começa oficialmente em dezembro.

—Não mediremos esforços para colocar no centro da agenda internacional o combate às desigualdades em todas as dimensões. Sob o lema “Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável”, a presidência brasileira vai articular inclusão social e combate à fome; desenvolvimento sustentável e reforma das instituições de governança global.

Lula voltou a cobrar os países ricos pela dívida com a mudança climática. O presidente afirmou que “agir contra a mudança do clima implica em enfrentar as desigualdades” e disse que os países ricos “cresceram baseados em um modelo com alta taxa de emissão de gases danosos ao clima”. Lula ainda cobrou o cumprimento dos acordos climáticos.

—A emergência climática torna urgente uma correção de rumos e a implantação do que já foi acordado.

O presidente ainda afirmou que os países em desenvolvimento não querem “repetir esse modelo” de desenvolvimento e voltou a falar em “responsabilidades comuns, mas diferenciadas”. Lula afirmou que houve redução de 48% no desmatamento na Amazônia durante os primeiros oito meses de seu mandato e que o Brasil está na “vanguarda da transição energética”.

—São as populações vulneráveis no Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima — disse.

Ele afirmou que as instâncias de governança global perderam o fôlego nos últimos anos e que reproduzem as desigualdades mundiais, passando “a fazer parte do problema, e não da solução”.

—Nas principais instâncias da governança global, negociações em que todos os países têm voz e voto perderam fôlego — afirmou.

DESIGUALDADE NO FMI
Na sequência, Lula citou o FMI e criticou a organização que vem por aí — disse Thomas Shannon, ex-secretário para o Hemisfério Ocidental do Departamento de Estado americano e ex-embaixador dos EUA no Brasil.

Na visão de Shannon, mes-

mo quando se refere à guerra entre Rússia e Ucrânia, Lula está pensando em questões globais, como a crise de segurança alimentar e energética.

—Lula não quer falar sobre poder, mas sim sobre os desafios que o mundo enfrenta, como a desigualdade. Foi um discurso valioso, ao qual Washington deve prestar muita atenção, porque vem de um estadista que entende o Sul Global.

O embaixador americano acredita que por trás de muitas afirmações do presidente brasileiro está um recado para os EUA e a China de que “o mundo não permitirá que o futuro seja capturado por uma disputa estratégica entre ambos”.

LUGAR DO BRASIL NO MUNDO
O brasilianista e editor-chefe da Americas Quarterly, Brian Winter, também ficou positivamente impactado pela fala do presidente brasileiro.

—Foi o discurso de um chefe de Estado que quer se projetar como líder do Sul Global, não foi de um presidente de um poder regional, e sim de um poder global.

Segundo Winter, o brasileiro fez um discurso “ambicioso e sem os erros que caracterizam algumas de suas declarações nos últimos meses, sobretudo quando se referiu ao conflito entre Rússia e Ucrânia”.

Para o embaixador Rubens Barbosa, que representou o

Brasil em Washington de 1999 a 2004, o discurso de Lula destoa de quase a totalidade das participações de chefes de Estado brasileiros na Assembleia Geral da ONU dos últimos 15 ou 20 anos.

—Antes, os discursos tinham foco no público interno, eram relatórios sobre o que acontecia no Brasil. Lula, pela primeira vez, fala sobre o lugar do Brasil no mundo, sobre o que o Brasil aspira e como pode contribuir para alcançar objetivos — frisa Barbosa.

Na visão de Renata Segura, subdiretora para a América Latina do centro de estudos Crisis Group, “Lula tentou recuperar o papel central do Brasil no mundo, mas deixando claro que o fará seguindo suas próprias regras” e com “uma forte crítica à ordem mundial”.

Para Hussein Kalout, ex-secretário especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República e pesquisador da Universidade Harvard, o discurso de Lula foi “sobrio, equilibrado, consistente e conjugado com os princípios da Constituição e os valores universais da política externa brasileira”.

—Lula restaurou a dignidade ao discurso do Brasil na ONU após os calamitosos discursos do presidente Bolsonaro nos 4 anos anteriores — acrescentou Kalout. (Colaboraram Beatriz Coutinho, Emannelle Bordallo, Marina Gonçalves e Renato Vasconcelos)

“Não mediremos esforços para colocar no centro da agenda internacional o combate às desigualdades em todas as dimensões”

— Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil

“Lula discursou como um estadista do século XXI, e o que ele disse deve ser lido com muito cuidado e atenção em Washington e no resto do mundo”

— Thomas Shannon, ex-embaixador dos EUA no Brasil

“Antes, os discursos tinham foco no público interno, eram relatórios sobre o que acontecia no Brasil. Lula, pela primeira vez, fala sobre o lugar do Brasil no mundo”

— Rubens Barbosa, ex-embaixador do Brasil nos EUA

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 16